

# O Excesso da Educação, a Práxis do Amor<sup>1</sup>

Samuel D. Rocha<sup>2</sup>

## **Resumo**

O texto experimenta o sentido da filosofia vinculado a uma autoridade primordial e sua linguagem como um canto e uma contação de história. Por meio de uma redução fenomenológica da educação a compreende como fenômeno saturado. Faz então duas afirmações, do excesso da educação e da práxis do amor, no contexto de uma imprudência gestada de um luto.

## **Palavras-chave**

Excesso; práxis; educação; amor.

## **Abstract**

The text experiences the meaning of philosophy linked to a primordial authority and its language as a song and a story telling. Through a phenomenological reduction in education, it is understood as a saturated phenomenon. He makes then two statements, the excess of education and the praxis of love, in the context of an imprudence born of mourning.

## **Keywords**

Excess; praxis; education; love.

---

<sup>1</sup> Este artigo é uma tradução inédita, feita por Mateus Lorenço Hernandez, de um capítulo do livro *Bildung und Liebe*, editado por Nadja Maria Köffler, Petra Steinmair-Pösel, Thomas Sojer, e Peter Stöger; Bielefeld: Transcript-Verlag, 2018.

<sup>2</sup> Samuel David Rocha é professor associado no departamento de estudos educacionais (EDST) da Universidade da Columbia Britânica.

Frequentemente, nos ensinam que por meio de argumento, análise, distinções e objeções, a filosofia busca clareza e sentido. De diversas maneiras, tal abordagem filosófica se estende para o pensar, o estudo e as virtudes de uma boa educação. Outrora incontestável, esse senso comum permite que se perca o poder da afirmação filosófica, um poder que não é uma questão de estilo retórico ou de apresentação, e que nem é uma questão empírica de constatação de fatos. A afirmação filosófica opera da autoridade de seu passado primordial, e conserva-se na paixão por canções e contações de história. Aristóteles bem entendeu isso quando afirmou que a metafísica começa em poesia. Tradições de sabedoria antiga reconhecem a autoridade da poesia na prioridade de ventos espirituais, na respiração e na oralidade da *mythopoesis* (contação de história e canções) anteriores, pré-determinadores da palavra prosaica. A filosofia de hoje frequentemente rejeita sua musa, substituindo a poesia pela prosa. A música, em contraste, jamais deixou de compor versos. De fato, a relação técnica e analítica de senso comum entre a filosofia e a educação existe hoje em claro contraste ao duradouro folclore<sup>3</sup> universal de contações de histórias e canções. Cante para mim primeiro, e talvez depois poderemos conversar.

Até mesmo a língua deve dizer adeus à língua, e na afirmação filosófica nós encontramos vislumbres da harmonia original entre a filosofia e o amor. A Filosofia é, nos dizem, amor pela sabedoria. Desta forma, a sabedoria não é um objeto de análise, mas um sujeito a ser amado. Afinal, objetos podem ouvir sons, mas somente um sujeito pode escutar uma canção. Escute então, caro leitor. Abra os olhos e os ouvidos de seu coração para que seus olhos possam escutar aquele que canta, antes e depois de tantos argumentos e disputas. Eu não me dirijo a você como poeta, mas eu busco fazer minhas afirmações como um filósofo que não abandonou inteiramente a sagrada musa. A melodia é a única autoridade real aqui. O verso e a quebra de linha serão seu guia. Na canção, nós encontramos clareza

---

<sup>3</sup> O que eu quero dizer por “folclore” não é nada técnico. Quando perguntaram a Louis Armstrong que tipo de música ele tocava, ele disse “música folk, música para folks”. (Nota do tradutor: A mais literal tradução de “folk” para o português é “povo”, o que significa que eu poderia ter traduzido o trecho entre aspas da seguinte maneira: “música popular, música para o povo”. Não o fiz porque tal opção nos faria perder a relação intrínseca de “folk” com “folclore”, assim como o tom humorístico contido na resposta de Armstrong.) Este é o tipo de música que Miles Davis mais tarde chamou de “música social”. Este é o tipo de música que eu espero honrar neste capítulo.

e sentido capazes de perfurar e transcender as nebulosas confusões da exatidão. Estas afirmações devem ser testadas pela inteligência do seu coração.

Eu gostaria de afirmar que a educação é o que Jean-Luc Marion chamou de um “fenômeno saturado.”<sup>4</sup> Um fenômeno é uma aparência. Um fenômeno saturado aparece em excesso. Este é o fenômeno que aparece de formas ausentes à atitude natural. Contudo, sua ausência não se deve a sua ocultação negativa, mas sim aos termos saturados de sua revelação. Uma total presença cobre, oculta, esconde e mascara a si, e de fato tal ocultação pode parecer uma ausência. Mas a distância da presença total não ocorre por conta de sua externalidade estrangeira, e sim por conta de sua íntima interioridade. O que é mais radicalmente escondido de nós não está na beira do cosmos, expandindo-se em nada. Não. O que se esconde mais profundamente está sempre aqui, dentro, ao redor de tudo, em tudo. Desta exata maneira, a educação é um fenômeno saturado. É isso que eu quero dizer com a expressão “excesso da educação.” Esta é minha primeira afirmação.

Minha afirmação sobre a aparição excessiva da educação pode sugerir que tal redução fenomenológica da educação deve ser separada completamente da instituição escolar. De certa forma, uma separação categórica é necessária. Contudo, ela não deve separar a educação da escola tanto quanto ela deve abrir a escola para a inebriante plenitude da educação que está sempre presente, no início e fim. Os termos fenomenológicos da manifestação educacional não pertencem a escola, mas também não são abstratos nem escondidos da escola. Na escola, assim como em qualquer outro lugar, existe algo que nos guia pela mão em direção a tal fenômeno saturado da educação em que estamos imersos. Esse guia parece ser o amor. Mas o amor não é suficiente. O amor, em qualquer uma de suas formas, deve ser consumado no que Paulo Freire chamou de “práxis.”<sup>5</sup> É isso que quero dizer quando digo “práxis do amor.”

Não é suficiente falar de amor. O amante deve ultimamente amar. Também não é suficiente amar, pois o amante deve amar repetidamente, até o infinito e o esquecimento. Esta práxis do amor consome tudo. Afinal, o amor nasce do ato de amar. Amar gera amor e

---

<sup>4</sup> Jean-Luc Marion, *In excess: Studies of Saturated Phenomena*. New York: FUP, 2004.

<sup>5</sup> Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

deste nascimento, a filosofia e a educação emergem. O amado é mantido pelo amor do amante, na intencionalidade daquela práxis do amor, e na sua ativa e específica insistência através e além do tempo. O verdadeiro amor do amante não é o sinal de seu amor, e sim o seu amado. O sinal do amor jamais pode apontar para o amor, pois a práxis do amor não requer nenhum sinal. O amor aponta para si, sem sinais intermediários. O amado não é um local para o depósito de amor. O amado é aquele que se torna amado por meio do amor. Em ser amado, nós somos. Nos tornamos quem somos pela e através da práxis do amor. O amor se mostra em si, mas também se excede pelo e através do amado. A práxis do amor, através do ato de amar que excede o sinal do amor, é o incansável pedido que amar deposita sobre o amante. O amante é chamado para amar, mas não pelo amor em si. A práxis do amor exige repetição, mas não por meio de uma noção primária de amor. O amar em si consegue cantar o refrão radical da amabilidade, do amante para o amado. A práxis do amor destrói o sinal epistemológico do amor, deixando para trás o exigente chamado ontológico: a vocação da práxis do amor toca e faz sons ao despertar.

Este exigente chamado revela uma noção prática de amor que é fundamentalmente erótica, e que se opõe a uma opção erótica decorativa entre as demais decorações do amor.<sup>6</sup> O dinamismo primordial e a atividade de *eros* dão poderes ao motor da práxis do amor. A erótica natureza da práxis do amor aponta em direção a uma constante necessidade de encarnação e consumação, uma necessidade que pede pela carne e o toque da amada, que vem da fragilidade de amar que constitui sua universalidade. Se há ou não carne ou toque de verdade não é tão crucial aqui como o pedido, sua insistência de fora, sua pobreza fundamental. O amado não é vencido ou conquistado, o amado é simplesmente a práxis do amor em forma de carne.

Desta forma, o amado e o amante não são separados por meio de ação e reação, impulso e resposta. Ao invés, o amado e o amante são o pulso unificado da vida que verifica a práxis do amor como real e presente. Esta secundária noção de práxis do amor é a negação

---

<sup>6</sup> Rocha, S. D. & Burton, A. (2016). “Strong as Death is Love”: Eros and Education at the End of Time. *Espacio, Tiempo y Educación*, 4 (1), 1-17, e Rocha, S. D. & Burton, A. (2017). “The eros of the meal: Passover, Eucharist, education.” *Encounters in Theory and History of Education*, 18 (1), 119-132.

de conceitos bem conhecidos de amor, e até de seu aparato conceitual que é conectado por sinais simbólicos, como tempo e circunstância. A práxis do amor é também o último teste de *eros*, pois nos leva do desejo abstrato ao o desejo pelo Desejo em si, sua espera por ser de carne, osso, fibra, líquidos, cinzas, pó e terra. A práxis do amor é o teste de vida e morte em que *eros* jamais pode falhar.

Após elaborar essas duas afirmações (a primeira sobre o excesso da educação e a segunda sobre a práxis do amor), irei afirmar que ambas são relacionadas e até mesmo codependentes. Em outras palavras, tentarei mostrar como o excesso da educação esconde a práxis do amor, e como a práxis do amor revela o excesso da educação.

A educação é um fenômeno excessivo. Seu caráter transbordante é sua única marca estável, independente do que possa significar em diferentes nomes e línguas, e do que suas múltiplas práticas possam significar através do tempo em incontáveis pessoas, conceitos, sentidos, noções, ensinamentos e tradições. Todas as dicas e palpites que encontramos nas maneiras que falamos sobre educação apontam para uma comum saturação. Diferente do pensar sobre a escola, que pode ser facilmente confinado ao amplo trabalho de treinar o pensamento e a também ampla quantidade de instituições que chamamos de escolas, a educação tem um caráter que excede tudo que contém. E não é somente uma questão de escala.

Contudo, a enormidade da escala que a educação carrega um vislumbre de entendimento: a aparência da educação ocorre de uma maneira que é em si excessiva e que se revela como um fenômeno saturado em consciência, tempo, espaço, morte e vida. Como todas as coisas desta escala, existe uma simples complexidade que não pode ser substituída por simplificações complicadas. O único ponto que podemos reconhecer é que estamos submersos nessa complexidade. Nós não observamos a educação de longe, nós a observamos de dentro, e nos encontramos nela. Onde encontramos ubiquidade total como esta, lá encontramos o fenômeno saturado. Em outros casos de uma inflada e cósmica escala, nós tendemos a perder todo o senso de especificidade. No caso do excesso da educação, até tais palavras falham. A educação excede generalização.

Exemplos analógicos, ainda que ruins se baseiam no enorme fenômeno que a educação é, amplificando essa realidade. Tente limitar a educação a psicologia, e rapidamente verá que teorias psicológicas e fatos da mente não podem conter a educação sem inventar algo completamente novo, além de novamente limitar a ideia da educação. Noções da mente, cérebro, e outras imagens neurológicas e cognitivas imploram por suas próprias suposições e permitem que a educação escape do seu entendimento popular. Tente limitar a educação ao aprendizado e desenvolvimento humano, e rapidamente verá que a educação novamente escapa ou destrói o molde. Tente restringir a educação à política e em breve verá que tais políticas usam vestes finas, com costuras que se desfazem. Tente limitar a educação a epistemologia, linguagem, conhecimento, ou ética – ou quaisquer outras bem conhecidas estratégias de análise filosófica contemporâneas – e mesmo que cada uma certamente proponha um conhecimento único e útil de alguma fração da educação, nenhuma delas pode conter o todo.

Tente restringir a educação a suas semelhanças linguísticas familiares da atividade docente, currículo, e outros primos verbais, e nós rapidamente perderemos o significado associativo da educação e o significado com que começamos. Um único prato não aparenta ser um banquete para um estômago vazio. Um rabiscado e esquartejado sentido da educação inevitavelmente resultará em uma pessoa que passa fome, resultado desse limitado sentido da educação. Imagine uma pessoa que confunde a lua com o cosmos, uma pessoa que confunde um pequeno desconforto com sofrimento real, ou uma pessoa que passa fome resultante de uma má alimentação.

A educação existe até mesmo fora das mais amplas categorias da vida humana e sobrevive através de toda idade pré-histórica e histórica, época, e era. Novamente, a primeira e última característica da educação que parece clara é sua atemporalidade. A educação é um fenômeno, e como aparência no universo da consciência humana, não pode ser conectada a cronologia. Até mesmo aqueles que negam essas afirmações não podem completamente negá-las sem apelar ao que se encontra além delas. Objeções ao todo não são tão erradas como são parciais, e lhes faltam a durabilidade para estarem corretas em todas as estações.

A aparência da educação pode somente ser descrita de uma forma que aponte para o absurdo da tarefa fenomenológica. Aquele que tenta beber de uma mangueira dos bombeiros ou que tenta acender um fósforo explodindo uma bomba, precisa desenvolver meios especiais para finalizar tais tarefas absurdas. Da mesma maneira, uma fenomenologia tradicional não pode ser finalizada sobre um fenômeno excessivo como a educação. A educação satura nossa habilidade de compreendê-la direta ou indiretamente. Nós não conseguiremos observar a educação da mesma forma que veríamos um coelho parado em uma moita, e nem conseguiremos encontrar a educação por meio de destreza ou furtividade. Da mesma forma, não conseguiremos formar uma imagem estática da educação na nossa mente sem perdê-la no processo. Isto requer recursos fenomenológicos que têm avançado seus métodos de uma redução idólatra para uma redução icônica.<sup>7</sup>

A educação requer movimento. O movimento da educação é a dança de seu excesso, que perfura nossa experiência educacional e até transcende a realidade que forma a base de nossas decadentes ideias de experiência vivida. O tempo não pode medir a educação em unidades ou créditos, nem o espaço pode posicionar a educação em uma geografia ou espaço particular. Tentar imaginar a realidade da educação é uma façanha. Como todas vastas realidades, como todas as coisas excessivas, a educação exige mais do que um conjunto de faculdades ou instrumentos. A realidade nos chama. A canção eterna continua.

Como alguém examina aquilo que é a condição para a possibilidade de sua própria análise? “Médico, cura-te a ti mesmo” não é nada mais do que outra forma de dizer “conheça a ti mesmo.” Aqui nós encontramos o intervalo interno da monstruosidade da educação. Ela se mostra quando nos vira do avesso. Aqui nós percebemos, talvez, que a educação excede a própria ideia de educação de uma forma que verdadeira dor não dói tanto quanto nos faz desmaiar. Para aceitar a oferta da educação, nós não podemos simplesmente focar ou olhar diretamente para o sol. Talvez nós precisemos cair no sono, fechar nossos olhos para que possamos ver mais claramente, com mais sentimento. Se você parar para escutar o silêncio, ele irá rugir.

---

<sup>7</sup> Samuel Rocha, *Folk Phenomenology: Education, Study, and the Human Person*. Eugene: Pickwick Publications, 2015.

O que esta série de afirmações sobre a educação fazem além de repetirem a mesma coisa? A educação exige uma noção de seriedade sobre o seu excesso. Nós não andamos sobre uma poça da mesma forma que mergulhamos em alto mar. Nós não descemos escadas da mesma forma que pulamos de um penhasco. Nós não dizemos adeus ao funcionário de uma loja da mesma forma que enterramos nossos entes. Seriedade é a diferença entre uma abordagem falsa e uma abordagem limitada da educação, uma abordagem que nega seu fundamental excesso por uma medrosa noção de confiança, e uma abordagem real que concede sua pobreza e anseia por uma educação que seja além de qualquer medida.

Se estamos dispostos a levar tais afirmações a sério – ou, pelo menos, se estamos dispostos a levar a sério a necessidade de seriedade sobre a educação – então aí poderemos discordar sobre essa limitada e arbitrária noção sobre o excesso da educação. Afinal, “excesso” e “educação” são palavras para coisas que as palavras não conseguem e nem podem conter totalmente. Quando a linguagem satisfaz, outros apetites certamente nos distraem e nos controlam. Contudo, quando a linguagem falha e pede desculpas ao deixar a mesa, nós devemos nos mover analogicamente, até mesmo alegoricamente, para outro local de realidade. Vamos então nos mover para o local da práxis do amor.

Existem diversas e conhecidas distinções sobre as diversas formas de amor, mas a única distinção essencial é entre o amar e “estar apaixonado.”<sup>8</sup> Eu não amo verdadeiramente se eu não vivo entre seus limites, se eu não vivo sob o feitiço do amor. Estar apaixonado é ser amado por um algo que está me amando. Ser assegurado em um abraço é esquisito e falso se aquele que me assegura não apresenta sinais de vida. Quando eu abraço meu amado, eu o acaricio, eu me movo, eu respiro, eu aperto, e posso até suspendê-lo do chão. Eu o lembro que este amante que o assegura o está abraçando, e que tal ato é um sinal de amor a ele que deve ser renovado em cada movimento.

Assim que o sinal de amor está terminado e esgotado, a práxis do amor deve ser renovada não somente em sinais, mas acima de tudo na pobreza erótica de amar sem. Não

---

<sup>8</sup> Nota do tradutor: Em inglês, “in love.” O termo apaixonado não é para ser entendido aqui como um estado patológico. Foi somente o melhor termo que encontrei para preservar a distinção entre “loving” e “being in love.” Por “apaixonado,” entenda algo como “submerso em amor,” ou “circunscrito pelo amor,” uma distinção poética, e não psicológica.



há nada abstrato em relação a amar estar apaixonado, pois a marca desta realidade não é o “amor” tanto quanto a amabilidade do amor. Estar apaixonado é viver a experiência de amar e amar por meio de estar apaixonado. Da mesma forma, estar apaixonado por alguém é igualmente abstrato e vazio sem amar esta pessoa. Nós podemos dizer ou sentir que amamos, mas o teste do nosso amor está na hora de amar, e acima de tudo, no momento após amar quando a beleza da pobreza do amante é finalmente revelada, e nós somos chamados para continuar e persistir apaixonados.

O mundo não é salvo nessa beleza nem esse amor conquista tudo. A práxis do amor renova a face da terra quando remove o idealismo sem cara do amor por meio do simples ato de amar. Ato como o da mulher que acorda cedo todas as manhãs, antes do sol raiar. Ela joga água no chão com uma mangueira para baixar a poeira, e então varre o chão coberto de barro, apenas para repetir a mesma tarefa amanhã e no dia seguinte. Ela não tem chão de cimento do lado de dentro nem do lado de fora da casa. Não há nenhuma superfície fabricada entre seus pés e a terra. Ela é forçada a limpar a superfície para que possa ficar em pé e caminhar todos os dias, após o trabalho de suas mãos envelhecidas. A mão guia o coração. A água da mangueira é regulada pelo seu dedão e espalhada pelos seus braços até que o chão fique saturado. Então, a vassoura bate e varre o barro com curtos e rápidos movimentos que tem até ritmo. Seu coração bate no mesmo tempo em que suas mãos batem a vassoura no chão. Ela cantarola uma lenta canção. A vassoura absorve e joga a água e barro em pequenos espirros para todos os lados. A cor vai ficando mais escura e o sol seca o chão, formando camadas. Com o passar do tempo, o chão aprende a se tornar um chão que parece de pedra ou concreto. Assim como os chãos caros, a humilde terra não tem nada de natural ou ordinária. Diferente do chão de madeira ou mármore existe uma simplicidade e pobreza fundamental que mostra o real desejo e necessidade de um chão que não seja uma paisagem de jardim ou um vão gramado suburbano. Desta forma, ela faz sua casa através do amor. Existem muitas casas que não tem este senso de amor, assim como existem sem tetos que vivem nela, que habitam na práxis do amor que sua pobreza consegue pagar.

A práxis do amor é vivida de uma maneira radical por aqueles que fazem uso da pobreza que não consegue pagar nada para construir uma casa. Isso revela o excesso da

educação operando em total capacidade em uma forma pré-arquitetural. O prédio da escola não consegue conter a educação porque a casa não é um lar e o lar não é feito de tijolos ou argamassa. O lar é somente feito na práxis do amor, no ato de amar que é escondido no excesso da educação. Onde a educação aparece em excesso, é lá que nós encontramos um amante e um amado que determinam a porção transcendente do excesso. Saturação não é um mero modo de um fenômeno. Não. A saturação em si revela a realidade da aparência que é oferecida no amar, que canta a primordial canção do ser. O excesso da educação é somente compreendido na fraqueza fugaz da práxis do amor. A práxis do amor é nosso único guia em direção a realização da absoluta e total presença do excesso da educação em nossas vidas.

Não há nada normativo a ser dito. Não existem lições éticas ou implicações práticas. Esses não são os fatos básicos. Não há evidências para serem pesquisadas. Não existem prescrições ou dicas. Há somente a afirmação filosófica e sua musa que canta através da noite ao coração que está querendo ouvir e, talvez, cantar junto. Mas há algo imenso em jogo. Ao menos há uma seriedade sobre a relação entre esse sentido de educação como fenômeno saturado e a práxis do amor que nos chama. No melhor dos casos existe a questão da nossa relação com a seriedade do chamado daquela relação e os riscos de suicídio que emergem de qualquer um dos substitutos dele.

Quando eu decidi estudar educação no mestrado, o fiz mais por conveniência e circunstância. Eu não tinha nenhum senso particular de propósito ou razão. Eu senti a necessidade de estudar algo pelo propósito maior de conseguir uma educação ou me tornar educado. Naquela época, os diplomas, credenciais e oportunidades me pareciam valer a pena. Eu era jovem e recém-casado. Queria fazer as pessoas que eu amo orgulhosas de mim e, talvez, me tornar algo. Educação parecia ser o caminho para tal fim, mas o estudo da educação como área ou disciplina não me inspirava e parecia muito corriqueiro.

Quando eu estava no meio dos meus estudos, um parente meu – uma das pessoas mais bem sucedidas, tanto educacionalmente quanto profissionalmente, que eu conhecia – tirou sua própria vida. Eu viajei para o funeral e senti que eu tinha, de alguma forma, perdido o ponto da educação em qualquer que seja o sentido da palavra. Eu me senti traído não

somente pela perda de um mentor distante que também era parente, mas também pelo ideal que sua vida significava para mim. Perdida estava a redenção que a educação poderia trazer. Deus estava morto. Como resultado daquele evento, enquanto eu contemplava se levaria meus estudos adiante em direção a um diploma final em educação, eu observei que todas as noções de educação que eu acreditava eram um substituto barato para os mais profundos desejos do meu coração. Perder estes falsos e plásticos deuses me machucou e me fez sentir mais exposto do que nunca, mas eu também me tornei imprudente. Tal imprudência me apresentou ao poder da afirmação filosófica, sua música e paixão.

Nada restou das minhas fundações em mim. Meu chão, minhas telhas grossas de teoria e prática que aqueciam meus pés frios. Tudo que eu tinha era a mangueira de água e uma vassoura de ramos, torta e desgastada de tanto varrer. Algum dia, eu serei varrido ao coração da terra e lá eu reencontrarei a canção eterna.